



O Suso

Diego Bernal¹

Para os Miranda, saudosa lembrança.

Há gente da qual nom é fácil falar. Nom que nom consigas descrevê-la: fisicamente ele era pequeneiro, repoludo, quer dizer, barrigolas, ou com o bandulho habitual num home na casa dos 50 anos, nem gordo nem magro, um peso, digamos, normal, olhos garços, cabelo grisalho e óculos *démodé*. Vestia de cote camisas ou polos com bolso no peito esquerdo e calças de bombazina. Mas Suso, o Suso, era o que podemos denominar um modelo, um padrom, um exemplo. E quando digo exemplo nom me refiro a que fosse um home perfeito. Ele, como todos nós, tinha as suas eivas: era calado, desconfiado, ou seja, cerrado, além de meio melancólico; eram raros os dias em que se abria, animado, a falar a eito, normalmente, após umha dose de aguardente de ervas ou de licor café. Porém, o resto do tempo permanecia pensativo, de bico fechado, a receber informações polos olhos húmidos e amendoados e polas orelhas grandes e bicudas ou a responder um cético “vai indo” quando o saudavam pola rua com um “como vai, Susinho?”.

Assim era o Suso, um galego inconsciente. Inconsciente nom por que fosse um cabeça-de-vento, um doido sem senso comum. Nom. Mais que um galego inconsciente era um inconsciente galego —no sentido freudiano. Isto é, era galego sem o querer; era galego apesar de. Caramba... nom sei se me estou a explicar bem. Deixai-me provar assim: se houvesse umha fábrica cuja produçom industrial consistisse em fazer galegos, o Suso seria a forma usada para criar milheiros de galegos em série.

Já sei que alguns diredes que som um exagerado. Contodo, imos pensar em algunha característica que defina o Suso. A começar polo seu nome, Suso. Porque ninguém, absolutamente ninguém, o chamava Jesus. Jesus Miranda Rodrigues, para sermos mais precisos. Ele fora sempre Suso. O Suso. Será que hai algo mais enxebre que chamar-se Suso?

Outro traço que caracterizava o Suso era a sua maneira de se expressar: “Suso, vás choiar?” “Vou”; “Suso *tás* com fame?” “Tou”; “Suso jogas conosco?” “Jogo”. E por aí fora. Quem o acompanhasse ao longo do dia rara vez ouviria outra cousa que nom fosse esse verbo em eco roubado da frase do seu interlocutor. A única conversa que o Suso mantinha era sobre o tempo. “Parece que vai chover”, exprimia metafísico a olhar para o céu cinzento pola janela, e logo pegava no seu guarda-chuva preto que pendurava nas costas com grande estilo.

Na comida era bem “tradicional”; sem molhos, azeites nem manteigas. Só com o caldo de cozer os ingredientes. Refeições simples, sem “porcalhadas”, como chamava ele às mostardas, kepchups e maioneses que só serviam para disfarçar o sabor milenar. Cozinha atlântica, pre-histórica, bem galega. De cozidos e grelhados honestos, acompanhados dum ribeiro ou dum alvarinho fresquinho “para molhar a palheta”, como costumava esclarecer. Se alguém ousava incorporar elementos alheios à água, ao lume e ao sal, o Suso logo reclamava. Nem massas nem pizzas. “Isto nom é Itália”, queixava-se.

¹ https://pgl.gal/autor/diego_bernal/; <https://www.atraves-editora.com/2021/06/29/diego-bernal>.

Umha cousa que nom suportava era derreter o queijo. Para ele o queijo só podia ser comido ou de sobremesa acompanhado de marmelada ou com broa e algum género de enchidos. Por nom falarmos de hambúrgueres, “tira daí essa trapalhada!”, berrava revoltado.

Se havia um alimento que o Suso considerava a quinta-essência da civilidade esse era o pam. Ao contrário dos analistas contemporâneos, que medem o desenvolvimento dos países a partir do seu Produto Interno Bruto, o Suso avaliava-o pola cultura do pam: quanto mais variado e de maior qualidade mais avançado era o povo.

Quando chegou a crise, e sentia os colegas do choio a se lamentarem por terem os filhos no desemprego, ele, como se fosse um segredo bem guardado, achegava-se ao ouvido da vítima e sussurrava raposeiro:

—Di-lhe ao teu filho que vaia de Benavente *pa* baixo fazer pam, ali nom sabem fazer o pam!

—Meu filho? Meu filho nom fijo pam na sua vida, Suso, fai-no pior que os de Benavente! —respondia o amigo aos disparates do Suso.

O Suso, aliás, trabalhava com as mãos. Desde novinho gostava de talhar madeira com um canivete. Ao princípio eram objetos pequenos: um anaco de azinheira que achava no chão e transformava numha landra de pau, um pé de buxo do qual fazia um ouriço-cacheiro ou um galho de oliveira com que fazia umha colher. E com o tempo essa habilidade acabaria por virar ofício.

Todo aconteceu quando o Suso, depois de casar e ter prole, foi morar para Meicende, onde fora contratado como operário numha fábrica de carvom. Com muito esforço e dedicação, decidírom mandar o filho estudar a um colégio privado da Corunha no qual receberia a educação que nom puderam ter os pais. O miúdo foi passando de cursos com a mesma facilidade com que crescia:

—Temos um neno tam alto que nom sei como nom cai das pernas —dizia o Suso à mulher admirado do seu tamanho.

—Ainda vai ser jogador de basquete! —comentava a progenitora orgulhosa.

Mas o rapaz do que gostava era de ritmo e harmonia. E quando tivo a possibilidade de se inscrever numha escola de música tradicional pediu ao pai que lhe comprasse umha gaita. O Suso, nom obstante, era um inadaptado na sociedade de consumo; mantinha umha concepção ancestral, xurrida na revolução agrícola

do Neolítico, segundo a qual se querias algo tinhas de fazê-lo. Noutras palavras, persistia em pensar como durante séculos se pensara na aldeia: “Queres leite? É só mungir as vacas”. “Tás com frio? Vai acender a lareira”.

—Umha gaita? Isso fago-cho eu —sentenciara.

E se ele dizia que lhe fazia umha gaita, nom era de vacilar, fazia-a mesmo. Aquele dia foi visitar um amigo que lhe emprestou umha como modelo:

—Suso, ti *tamém*! Como che ocorre fazer umha gaita? Nom será melhor que a compres?

No entanto, o Suso já tinha a decisom tomada e aquela mesma tarde arregaçou as mangas e pujo-se com ela. O filho aguardava polo instrumento como um paxarinho pola bicada. Depois de o Suso dedicar-se uns meses a fio, chamou o filho à oficina, que tinha toda atestada de tralhas e ferramentas a enfeitarem as paredes, e entregou-lhe umha elegante gaita feita em madeira de buxo. O filho, como umha lavareda ardente de ledícia, foi-lha mostrar aos amigos.

Todavia, o que fora um capricho isolado do filho terminou por ser, anos mais tarde, o primórdio de umha nova vocação.



O Suso segundo Ángeles Rico

As maceiras cobriam-se de flor quando, aquela primavera, o Suso foi finalmente reformado. Mas ele, com o seu espírito atribulado de galego, nom se deu nem um dia de folga para o seu novo começo a sério: artesão de gaitas.

E o obradoiro de Miranda, umha garagem murcha no rés do chão de umha ruela perdida de Arteijo, acabou por se tornar no local em que o Suso gastou a maior parte das horas da sua velhice. Dezenas, centenas, milhares de gaitas —mais alguma que outra requinta e sanfona—saírom por aquele portom enferrujado para se empoleirarem nos mais diversos palcos da Galiza e do mundo.

Chegados aqui, como podedes imaginar, ao Suso nunca lhe guiara umha voracidade gananciosa no lucro mas um vício comum a muitos dos seus compatriotas: o trabalho.

No entanto, igual que um dia, assim sem mais, chega um fio de cabelo branco, chegou o dia em que o Suso nom deu continuado com o vezo do trabalho:

—O corpo pede-me terra —confessou à mulher.

—Que cousas tês, Susinho! —respondia ela definhada pola preocupaçom, com as pálpebras vermelhas, tirando o lenço que guardava na manga da camisola de lã e enxugando os olhos de bágoas.

—Nom chores, mulher, que morrer também é um trabalho.

Pouco depois, o fole desinchava e o génio faiscante e sobranceiro do Suso apagava-se numha cama do Complexo Hospitalar Universitário da Corunha.

A vida é um sopro... de gaita!